

Indústria

Produção de máquinas e implementos agrícolas no Rio Grande do Sul acelera avanços no campo

Região Norte é polo de importantes fabricantes que movimentam a indústria e o agronegócio

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

No final do ano passado, a fabricante de máquinas agrícolas John Deere, que responde por mais de 70% da arrecadação do município de Horizontina, anunciou ao mercado o seu primeiro motor movido a etanol. E a promessa, de acordo com o diretor de Assuntos Corporativos da empresa para a América Latina, Alfredo Miguel Neto, é de que este produto, em um cenário de crescimento deste biocombustível no País, tenha sua maior destinação justamente às fábricas brasileiras.

Se a produção agrícola da região tem voltado suas atenções aos investimentos na agricultura de precisão, e tudo o que envolve a pré-safra como forma de garantir mais segurança à produção em um ambiente em transformação, a indústria das máquinas, que teve sua raiz justamente entre o Norte, Fronteira Noroeste e Alto Jacuí, não fica para trás.

Das plantas industriais, e antes disso, dos laboratórios de desenvolvimento da John Deere já saem também um sistema de pulverização inteligente, com câmeras e sistema programado



Inovação está embarcada em diversos tipos de equipamentos para múltiplas finalidades na lavoura

para identificar e pulverizar plantas daninhas com precisão na lavoura, gerando uma redução de até 2/3 de herbicidas não residuais, com potencial de chegar a até 97% de eficiência.

O conjunto de máquinas agrícolas mais inteligentes da multinacional conta ainda com sistemas que permitem disparar fertilizantes com precisão na medida necessária a cada planta, resultando em 60% menos custos com este insumo e também com a modernização das pontas dos pulverizadores, que diminuem em 10% o uso de herbicidas na plantação.

“Temos nos preocupado cada vez mais em identificar as mudanças que virão e desenvolver soluções para os nossos clientes. Nosso objetivo é resolver os problemas antes que eles cheguem ao produtor”, resume o diretor.

Em Horizontina, a multinacional instalou a sua primeira fábrica no Brasil, e produz ali plantadeiras e colheitadeiras. É o mais importante polo de máquinas agrícolas da região, seguido por Santa Rosa e Não-Me-Toque. Mesmo que o momento no campo seja marcado pelos investimentos na pré-safra,

para este setor, o primeiro semestre de 2024 não tem sido fácil. Há redução no volume de vendas, e isso impacta em toda a balança comercial da região, que registra redução de 30,8% em média nos volumes exportados por mês em relação ao ano passado.

A exceção fica por conta de Santa Rosa, onde, entre 2022 e 2023, a Stara desembolsou R\$ 330 milhões para erguer uma nova fábrica, a sua segunda planta industrial no Estado. “O investimento na modernização da agricultura é fundamental para o produtor atingir

melhores resultados, em uma mesma área. O avanço do setor de máquinas agrícolas de precisão é diretamente responsável por isso nos últimos 40 anos”, diz o diretor-presidente da Stara, Átila Stapelbroek Trennepohl.

“Pensar no solo, e na melhoria da sua qualidade, está no nosso DNA. Quando incentivamos e financiamos boas práticas de manejo e plantio, como a cobertura do solo, estamos trabalhando pela melhoria de todo o sistema. A inovação nos equipamentos é uma forma de disponibilizarmos os melhores caminhos ao produtor local”, explica Trennepohl.

Na última Agrishow, por exemplo, a Stara lançou o seu pulverizador equipado com um sistema de câmeras e inteligência artificial, com capacidade para informar ao produtor, em tempo real, onde executar a pulverização seletiva e com precisão.

Principais fabricantes no Norte do RS

- ▶ **AGCO** (Santa Rosa, Ibirubá)
- ▶ **John Deere** (Horizontina)
- ▶ **Stara** (Santa Rosa, Não-Me-Toque)
- ▶ **Kuhn** (Passo Fundo)
- ▶ **Imasa** (Ijuí)
- ▶ **Jan** (Não-Me-Toque)
- ▶ **Roster** (Não-Me-Toque)
- ▶ **Stahar** (Não-Me-Toque)

Queda nas exportações de máquinas é sazonal e investimentos são de longo prazo

Se, em Horizontina, que tem 99% das suas exportações relacionadas a este setor, a redução chegou a 50% no primeiro semestre, em Santa Rosa, onde a Stara chegou e a AGCO já atuava, o volume exportado aumentou 30%. O município negocia quatro vezes menos do que Horizontina no mercado externo. Já em Não-Me-Toque, onde fica a matriz da Stara e ao menos cinco indústrias de precisão na agricultura, o volume de vendas para fora do Brasil foi ainda mais reduzido, em 61,4%.

Entre os 10 maiores municípios exportadores deste recorte do Estado, nove exportam

em menor ou maior volume algum tipo de máquina agrícola. Nos seis primeiros meses deste ano, foram US\$ 95,2 milhões em exportações do setor nesta região, o equivalente a 6,5% de todas as vendas ao Exterior. Mesmo com o significativo volume, houve redução de 47% em relação aos US\$ 183,04 milhões negociados no mesmo período do ano passado. Em 2023, as máquinas agrícolas responderam por 8,5% das exportações da região.

O momento, porém, como salienta Alfredo Neto, da John Deere, é encarado como sazonal, e representa uma oportunidade para investir em mais

inovação para o mercado interno. “Temos firme convicção da importância do setor agrícola para a economia do Brasil. O País é um fornecedor de alimentos e um exemplo de fontes de energia limpas e infraestrutura para um mundo em transição. Por isso, os nossos investimentos são de longo prazo, com a consciência de que há sazonalidades no mercado”, explica Alfredo Neto.

No ano passado, a John Deere desembolsou R\$ 145 milhões na ampliação da fábrica de Horizontina, com a modernização das suas linhas de produção. A fábrica, como as

demais unidades da John Deere, também está no pacote de R\$ 230 milhões destinados ao país pela empresa até 2026 no seu programa chamado Smart Connected Factory, responsável por desenvolver ferramentas inteligentes e processos relacionados à indústria 4.0, incluindo inteligência artificial embarcada, robótica e internet das coisas.

Entre as metas estabelecidas pela empresa em 2022, para serem cumpridas até 2026 – e isso indica que há oportunidades para novos investimentos no Rio Grande do Sul –, estão, além dos motores de baixa ou zero emissões,

o desenvolvimento de tratores com sistemas autônomos elétricos e ter 100% dos seus produtos de menor porte habilitados a atuarem conectados, hoje, já são 610 mil máquinas, de um total de 1,5 milhão.

A tendência, como aponta o diretor, é de que o Brasil passe a concentrar boa parte destes esforços com a precisão adequada ao País. Isso porque no final deste ano a John Deere deve inaugurar o primeiro centro de testes para a agricultura tropical no mundo, em Indaítuba, interior de São Paulo, adaptado às condições brasileiras, do solo à conectividade por internet.